



3 1761 06976726 7

Cunha, Xavier da
Filinto Elysio bibliophilo

PQ
9261
N24Z64



XAVIER DA CUNHA

FILINTO ELYSIO

BIBLIOPHILO



1912

IMPRESA LIBANIO DA SILVA
Travessa do Fala-Só, 24
LISBOA



FILINTO ELYSIO

BIBLIOPHILO

Do *Boletim da Sociedade de Bibliophilos*
Barbosa Machado

Tiragem : 50 exemplares

N.º28.....

XAVIER DA CUNHA

FILINTO ELYSIO

BIBLIOPHILO

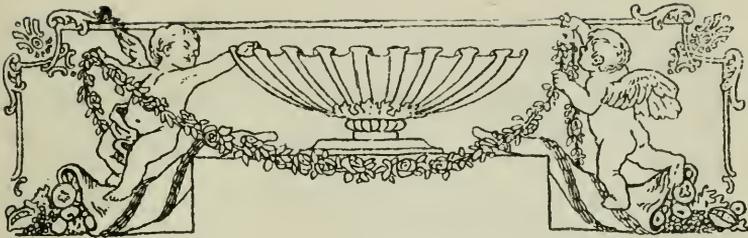


1912

IMPRESA LIBANIO DA SILVA
Travessa do Fala-Só, 24
LISBOA

PQ
9261
N24Z64





Filinto Elysio, bibliophilo

Na página 116 das suas *Excavações Poeticas* (Lisboa — Typographia Lusitana — 1844 — In-8.º de 294 pag.), publicou Antonio Feliciano de Castilho, em quadras septisyllabas, tres acerados epigrammas contra os versos de Filinto Elysio, — epigrammas que alguns dos modernos «tarelos» invocam por fundamento de criticas desastradas ao venerando Poeta, cujas produções aliás nunca estudaram, nem leram, nem siquer distrahidamente folhearam.

E não reparam esses pseudo-criticos em que é o proprio Castilho quem nobremente, com a mais louvavel hombridade e com a probidade imparcial das suas judiciosas apreciações, logo nas tres páginas seguintes confessa que os tres epigrammas representam apenas umas travessuras joviaes da tenra adolescencia, e que, se no volume os intercala, é — «para, publica e solemnemente, os-renegar diante de quem quer que os-houvesse conhecido».

Seguem-se, em confirmação da sua affirmativa, levantados elogios á obra do Filinto, entre os quaes avultam estas palavras :

« A verdade é que, só por si, nenhum escriptor de nossa lingua fez por ella tão momentosos serviços; nem talvez todos junctos contribuíram mais para a-salvar nos affrontosos transes em que a França de nossos dias a traz mettida.

«Foi elle o primeiro que levantou voz pelo seo Portugal; elle o alferes que arvorou o estandarte; elle o capitão, e por muito tempo elle tambem, e só elle, todo o pé de exercito d'esta sagrada reconquista».

Depois d'isto, creio não ser preciso accrescentar mais testemunhos em prol do insigne Poeta que formou com Barbosa du Bocage e com José Agostinho de Macedo uma trindade litteraria de notabilissimo fulgor, -- trindade comparavel, sob numerosos pontos-de-vista, áquella que no segundo terço do seculo XIX constituíram Almeida-Garrett, Antonio Feliciano de Castilho, e Alexandre Herculano.

Representa pois expressão da mais incontestavel justiça a oitava que a Filinto Elysio consagrou Antonio José Viale no seu *Bosquejo metrico da Historia de Portugal* (poema, cuja 5.^a edição appareceu em Lisboa no anno 1886, estampada nos prelos de Lallemant Frères, e formando 1 vol. in-8.^o de 5-253 páginas):

«Longe da patria, á patria, decontino,
 Filinto os olhos volve, e em seu proveito
 Do nobre engenho emprega o dom divino,
 No sancto amor da patria acceso o peito.
 E' de sublime arrojô, em mais de um hymno,
 Qual Testi, ou qual Lebrun, typo perfeito:
 Ou narre, ou pinte, ou louve, ou vitupere,
 Ninguem levar-lhe a palma, ardido, espere».

E já o Garrett na *Lyrical de João Minimo* (Londres — Impresso por R. Greenlaw — MDCCCXXIX — In-12.^o de 3-xlv-204 páginas), — já o Garrett, deplorando em conceituosa elegia o passamento de Filinto (elegia que no mencionado volume vai da pag. 19 á pag. 37), — já o Garrett, depois de sobremodo o elogiar como poeta e patriota, exclama, alludindo á sua irreprehensivel, á sua intemerata vernaculidade :

.....
 «Ferve-lhe nas veias,
 Brioso n'alma lhe pullula e vive
 O amor da patria cara.
 Por ella empunha assacalada fouce
 E affouto corta os vicios enfezados
 Que d'arrebique estranho affeiam sordidos
 A tam formosa lingua ;
 A lingua de Camões, que ousaram barbaros
 Com mescla vil manchar, turpar-lhe as galas,
 Tal que se a víra a deusa, que a amou tanto,
 A des-crêra latina».

Nem menos entusiasta se móstra o moço Lamartine pelo octogenario Filinto (seu «Mestre de Portuguez»), quando numa das suas «Meditações Poeticas» (*La Gloire — A un Poëte exilé*)(*) lhe dirige, entre outras, a seguinte saudação :

(*) Sahiu pela primeira vez a lume essa composição do glorioso poeta francez no Tom. v (pag. 6 a 8) da edição parisiense, que adeante menciono, das *Obras completas de Filinto Elysio*, onde figura sob o titulo *Stances à un Poëte Portugais*.

*«Ni l'exil, ni les fers de ces tyrans du Tage
N'enchaîneront la gloire aux bords où tu mourras ;
Lisbonne la réclame, et voilà l'héritage
Que tu lui laisseras !»*

*

* *

Eu, por mim, declaro que passo frequentemente horas muito agradaveis e muito proveitosas na leitura das producções poeticas com que o Padre Francisco Manuel do Nascimento abrilhanta e opulenta a litteratura portugueza.

E' que não encontro sómente na variada collecção das suas Odes e dos seus Sonetos, dos seus Contos e das suas Fábulas, dos seus Madrigaes e das suas Epistolas, dos seus Epigrammas e da sua Miscellanea, materia de muito instructivo insinamento e de entretenimento mui delectoso. Interessam-me, apart d'isso, os curiosos elementos auto-biographicos, de que amiude alli nos apparece noticia intercalada.

E, — se o texto poetico sobremaneira me desafia a curiosidade, — nas mui chistosas notas de prosa que largamente acompanham as páginas d'esse texto, não menos interessante se me offerece a licção pelos picturecos e suggestivos subsidios que naquellas notas se proporcionam a quem deseje conhecer particularidades e costumes da vida portugueza, mórmente da vida lisboeta, nos dois ultimos quartéis do seculo XVIII.

Como poeta, como escriptor vernaculo, como ingraçado cultor da facecia nacional, Filinto Elysio tem hoje legitimamente consagrados os seus altos creditos, — e a sua propria biographia vai já correndo mundo, elaborada por analyistas de bom criterio.

Não me consta, porém, que lhe tenham biographos assignalado as suas qualidades de bibliophilo, o amor que elle dedicava aos livros, amor que se revela nos sentidos queixumes em que, de quando em quando, melancholicamente desafoga as suas maguas por lhe não consentir a escassez dos recursos pecuniarios acquisições de copiosa livraria.

Mas ha uma producção poetica, muito significativa, em que especialmente o Filinto se refere aos seus queridos livros, fieis companheiros de exilio. E' quando, ao partir de França para Hollanda em 1792, convidado por Antonio de Araujo e Azevedo (que então era nos Paizes-Baixos Ministro de Portugal, e que ulteriormente recebeu o titulo de Conde da Barca), foi o Filinto occupar o cargo de secretario particular d'aquelle seu amigo e protector.

Por absoluta carencia de dinheiro com que pagasse o respectivo frete, viu-se o Padre Francisco Manuel obrigado a saudosamente deixar em París por algum tempo os livros de que era possuidor.

Saudosamente, sim, saudosamente !

Saudade não menos pungitiva do que essa que adivinhâmos no inconsolavel Ovidio, quando, no destêrro entre Sarmatas, remettia para a idolatrada Roma dos seus tempos felizes, sem poder acompanhál-o, o manuscripto livro das suas *Tristezas*:

«*Parve (nec invideo), sine me, Liber, ibis in Urbem:
Hei mihi! quod domino non licet ire tuo.
Vade, sed incultus, qualem decet exulis esse:
Infelix habitum temporis hujus habe.
Nec te purpureo velent vaccinia suco;
Non est conveniens luctibus ille color.*

*Nec titulus minio, nec cedro charta notetur:
 Candida nec nigra cornua fronte geras.
 Felices ornent hæc instrumenta libellos:
 Fortunæ memorem te decet esse meæ.
 Nec gracili geminæ poliantur pumice frontes;
 Hirsutus passis ut videare comis.
 Neve liturarum pudeat: qui viderit illas,
 De lacrymis factas sentiet esse meis.
 Vade, Liber, verbisque meis loca grata saluta;
 Contingam certe quo licet illa pede».*

O trecho que ora transcrevo (e de propósito o quiz transcrever na íntegra por incluir curiosa referencia ao esmero com que os bibliófilos romanos adornavam livros) textualmente vai copiado aqui de um precioso exemplar que outrora pertenceu a Sua Majestade El-Rei o Senhor Dom Pedro V (quando, estudante de Latinidade, recebia aquelle egregio Príncipe licções do Professor Francisco Antonio Martins Bastos), -- exemplar que aos 20 de Março de 1891 arrematei no leilão do espolio do Serenissimo Infante Dom Augusto :

P. Ovidii Nasonis Tristium Libri V. cum notis novis ac perpetuis ad modum Johannis Minellii Ad optimos Codices emendati & illustrati opera atque studio M. Erdmanni Uhsei. (Bassani - Suis typis Remondini edidit - 1829 - In-12.º de 226 pag. - Com o retrato do Poeta, chalco-gravura estampada em fl. áparte).

Na guarda frontispicial do volume escreveu por seu punho o illustrado Príncipe estas palavras: - «*D. Pedro Duque de Bragança. Comecei a traduzir Ovidio em 25 d'Outubro de 1848 debaixo da direcção do Professor F. A. Martins Bastos*».

E apropósito lembrarei (o que não é novidade, por-

que já do caso informaram em tempos Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara e o bibliographo Innocencio Francisco da Silva) que na Bibliotheca Pública de Evora existe, entre seus manuscriptos, elaborada pelo Padre Francisco José Freire («*Candido Lusitano*»), uma versão poetica das *Elegias Tristes de Publio Ovidio Nasam*.

Ao meu bom amigo, o Sr. Antonio Joaquim Lopes da Silva, erudito Professor do Lyceu Eborense e proficiente Director da Bibliotheca supra-mencionada (*), pedi eu que da referida traducção me copiasse os versos em que o insigne «Candido Lusitano» transplantou para portuguez o trecho latino de que fiz transcripção. Aqui vai portanto, devido ao seu penhorante favor que muito lhe agradeço, o trecho correspondente aos dezeseis versos latinos com que o immortal cantor das *Tristezas* dá início á 1.^a Elegia do Livro Primeiro :

«Livro, (não te embaraço) hirás a Roma,
Roma, ay de mim, que ao teu Senhor se veda :
Vay, porem sem alinhio, como couza
Propria de hum desterrado : infeliz, toma
A figura, que o tempo te concede.

(*) O Sr. Lopes da Silva não é simplesmente um bibliotheconomista e um bibliophilo, — pois que reune egualmente as condições de bibliographo muito apreciavel, como de sobra demonstrou no *Catalogo Methodico dos Reservados da Bibliotheca Publica de Evora*, Catalogo por elle amavelmente elaborado, e publicado nos Vol. iv e v do *Boletim das Bibliothecas e Archivos Nacionaes* (Coimbra — 1905-1906). Separadamente se fez tiragem da mesma obra sob o titulo seguinte: — *Os reservados da Bibliotheca Publica de Evora. Catalogo methodico pelo Director da mesma Bibliotheca Antonio Joaquim Lopes da Silva Junior*. (Coimbra — Imprensa da Universidade — 1905 — In-8.º de 241 páginas).

Não te pinte o exterior purpureo succo,
 Q'essa cor não convem a triste objecto :
 Nem miniado o titulo se escreva,
 Nem as folhas com cedro se preparem,
 Nem haja em fronte negra eburneas pontas.
 Esses adornos, esses polimentos
 Convem somente a Livros venturosos,
 E tu debes lembrarte de meus males.
 A fragil pomex não te alize as faces ;
 Que he bom te vejão com hirsuta grenha.
 Nem de te ver com manchas te envergonhes ;
 Quem tas vir, dirá logo, que as fizerão
 As lagrimas perennes, q̃ derramo,
 Livro, vay, e em meu nome essas jucundas
 Habitações saudas, as quaes vizito
 Só c'os pez, que a distancia me consente».

Ora attentêmos bem nos versos do Ovidio.

Nec invidéo! exclamava o infeliz ao despedir-se do livro, num disfarce forçado.

E é precisamente naquelle *nec invidéo* — que eu mais pre-sinto as angustiosas lagrimas do proscripto, lagrimas que elle a princípio busca reprimir ou esconder numa simulada resignação, mas que porfim nos subseqüentes versos acaba por sinceramente manifestar.

Voltêmos, porêem, ao nosso Filinto.

Retirando-se de París, conseguíra elle a fortuna de não presenciar grande parte das horrorosas monstruosidades em que se desincadeava a sanguinaria Revolução Franceza. Mas, no respeitante a convivencias litterarias, a residencia de Filinto na Hollanda constituia um novo destêrro, pois que poucas pessoas lá encontraria com quem desafogar saudades de Portugal, e sobretudo com quem tratar de letras que não fôssem . . . «letras-de-cambio».

Elle proprio o deixa claramente perceber (coitado!) quando em uma das notas (vid. na edição parisiense, que já vou mencionar, das *Obras completas de Filinto Elysio*, a pag. 307 do Tom. III) nos diz o seguinte: — «Estive 5 annos em Hollanda, e não tinha com quem fallar, senão com Judeos Portuguezes, porque da lingua Hollandeza, ainda que alli vivesse 100 annos, nem palavra». E frequentemente, em várias das suas composições, elle se desforra designando zombeteiramente os Hollandezes pelo qualificativo «batatiphagos». Essas composições, quando as escrevia em Leyde (*Lugdunum Batavorum*), costumava elle datá-las *Lugduni Batatiphagorum*, como se pode verificar nalgumas páginas do Tom. V da edição a que me refiro: — *Obras completas de Filinto Elysio* (París — Na officina de A. Bobée — 1817-1819 — 11 tom. in-8.º — Com o retrato do Poeta, um excellente retrato em chalcogravura).

*

* *

É no Tom. I (em pag. 382 a 385) que se encontra a poesia de que já fiz menção, — poesia que fielmente agora aqui transcrevo em benefício dos bibliophilos, certo de que vão apreciá-la commovidos perante as desconsoladoras queixas do seu desditoso confrade, — incantadora poesia (e neste ponto me apraz igualmente insistir), incantadora poesia em que assaz se revela a indole bondosa e carinhosa do seu auctor. E' que talvez a Bibliophilia contribua poderosamente para incutir e desinvolver no coração humano sentimentos altruistas e generosos.

ADEOS

DE CURTA AUSENCIA. (*).

CARMEN.

A_{DEOS}, livrinhos meus ; daquí a pouco
 Ancioso, em vosso alcance, irá Filinto :
 Que não se compadece ausencia larga
 Entre os que atou idósa companhia,
 Com vínculos do alívio apiedado,
 Na minha solidão amarga e escura.
 Vós, desenfado meu, vós meu soccôrro,
 Vós fostes brandos, próximos amigos,
 Noite e dia espancando meus pezares,
 Quando a Desgraça, c' uma negra nuvem,
 Me pôz a noite no âmago do peito,
 E me abafou o coração de espinhos.
 Desde então que em vós sós achei amparo,
 Entrando a espairecer da alma a tristeza,
 Em vóssos campos de matiz risonho ;
 Que o sabor renovei d'aquelles fructos,
 Que a idade de ouro gratos sazónára,
 Entre as do Ingenho flôres nunca-murchas,
 Comecei a cobrar-vos amizade.
 E quando foi sárando o peito interno
 Das fréchádas malignas do Infortunio,
 Que eu já via com ólhos indiff'rentes,
 Perdidos bens, perdida a intacta fama ;
 Que encostado nos braços da leitura

(*). Quando me preparava para ir á Haya, fiz um pacóte dos poucos alfarrabios que tinha, Livraria de Poéta póbre ! E éra minha intenção mandá-los diante ; mas o custo do transporte me fez recuar a resolução. Quantas, como ésta, morrem de garrote, por desvalidas de moéda !»

(Nota de Filinto Elysio).

Sobre-via sem ódio os falsos Bonzos,
Que as rêdes da Calúmnia me estendêrão ;
Passou a gratidão o que era alívio.
Nem dádiva ha tão grande, tão valiosa
Como o dar azas com que se êrga acima
Das túrbidas paixões o ânimo nósso.
Dívida então bem contrahi com-vôsko
De nunca vos lançar da minha vista.
Sois poucos ; vélhos sois ; ouro não brilha
Nas fôlhas, nos magníficos filêtes,
Nem vos chamão as guapas livrarias
A pintadas ornar luzidas planchas,
Avezadas a immóveis inquilinos :
Mas assim sem alinho, sem vãa-gloria
Me acudistes melhor, que esses garridos,
Destinados a dônos não-leitores,
Que nem abrí-los vem, nem visitá-los.

Que ingrato galardão, mal-merecido
Fôra o deixar-vos, por que lá me acêna,
Com máis riqueza, com fastosos nômes
Um thesouro de livros campanudos,
Que com alto desdêm vos olharião,
Se pedisseyes lugar entre os seus ouros,
Entre os farfantes rótulos, e fitas ?
Não sou eu Lavrador desamoroso,
Que mande ao Carniceiro o Boi cansado,
Companheiro das próvidas lavouras,
Quando rasgava os dilatados sulcos,
Depósitos da messe esperançada,
Largo sustento da caseira prôle :
Nem Guerreiro inhumano lanço á margem
Alquebrado dos annos, das carreiras,
O que outróra fogôso nas batalhas
Renhidas combateo, féro ginête,
E me ajudou a conquistar os louros.
Sim : com-vôsko nas mãos, com-vôsko á vista
Dobrarei da Velhice o Promontorio,

E com-vôscó entraría voluntario
 Pela fóz do mortal esquécimento.
 Vêlhos, comigo vélho, amados livros,
 Vereis cahir nos ultimos Dezembros
 As sêccas fôlhas do curvado tronco,
 Que já vistes robusto erguer a cima
 Contra o pêso do vento e dos negrumes.
 Cadúco pouco leio ; os ólhos nêgão
 A' prolixa lição o acume autigo ;
 E a cansada memoria mal se pêja
 De sobrepóstos móveis : mas não pérco
 Lembranças do potente auxílio vósso,
 Nas refrégas do aspérrimo Infortunio.
 Sereis sempre a meu lado agradecido,
 Companheiros n'esta aura de ventura,
 Que nos bafêja a próxima partida,
 Quaes o fôstes nos roncós da borrasca.
 Ireis comigo á Casa bemeifeitora,
 D'onde vos veio o raio da Bonança :
 Que assim léva comsigo o Passageiro
 A' Casa da devóta Romaría
 Com gôsto e gratidão os piedosos
 Navegantes, com quem correo naufragio.

*

* *

Terminando a transcripção, não me appetece fazê-lo
 sem muito de industria chamar a attenção do leitor para os
 versos em que o Poeta, ponderando as modestas incader-
 nações dos seus poucos livros, epigrammatiza os collec-
 cionadores que, intitulado-se «bibliophilos», não passam
 de ridiculos «bibliomaniacos» :

«Sois poucos ; vélhos sois ; ouro não brilha
 Nas fôlhas, nos magníficos filêtes,
 Nem vos chamão as guapas livrarias

A pintadas ornar luzidas planchas,
Avezadas a immóveis inquilinos :
Mas assim sem alinhó, sem vãa-gloria
Me acudistes melhor, que esses garridos,
Destinados a dónos não-leitores,
Que nem abrí-los vem, nem visitá-los».

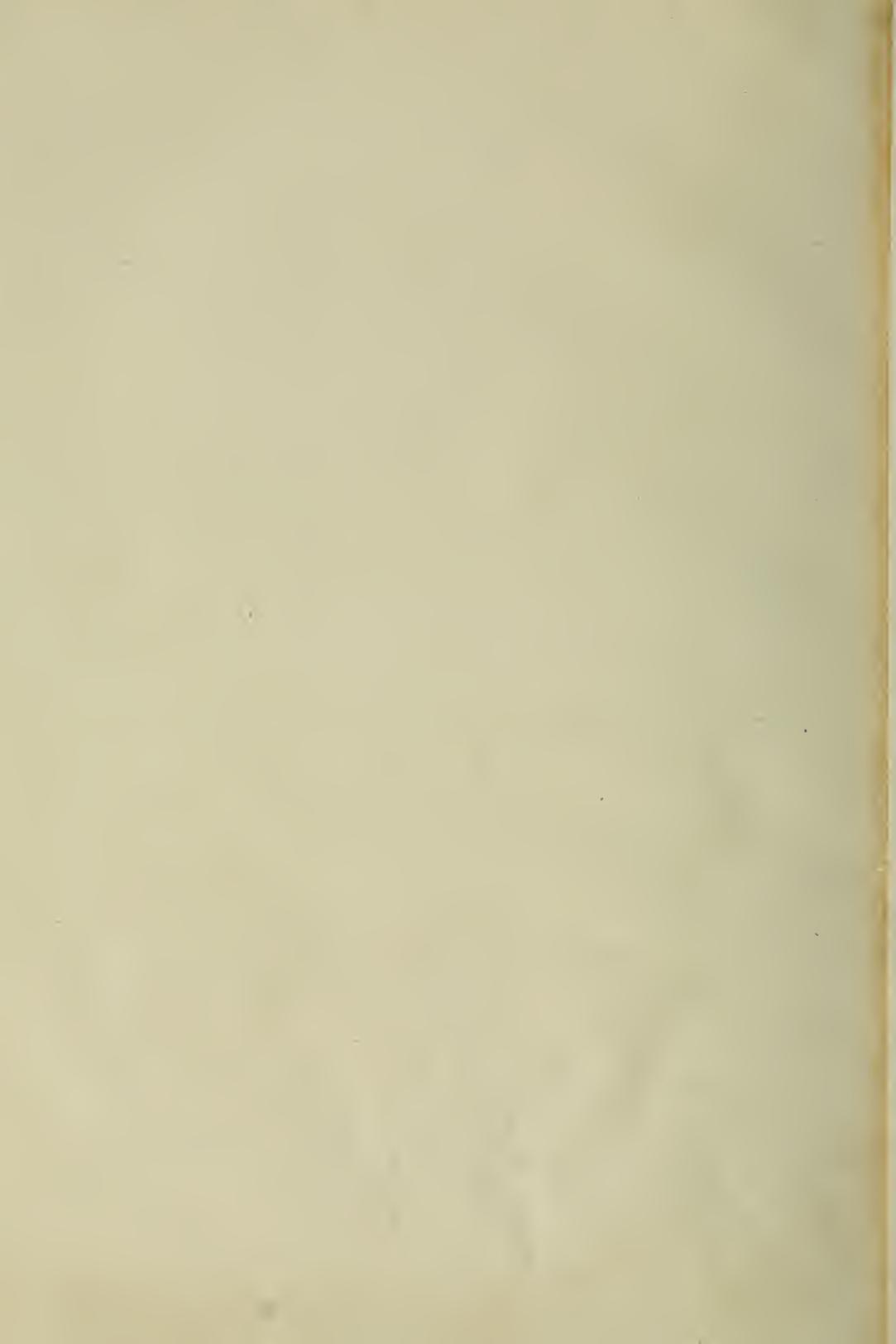
Talvez o auctor d'este remoque, ao escrevêl-o, tivesse em lembrança aquelle célebre prelado portuguez que por toda a parte vaidosamente se jactava de possuir uma livraria com «onze mil volumes», — a que um dicaz gracejador chamava «as onze mil virgens».

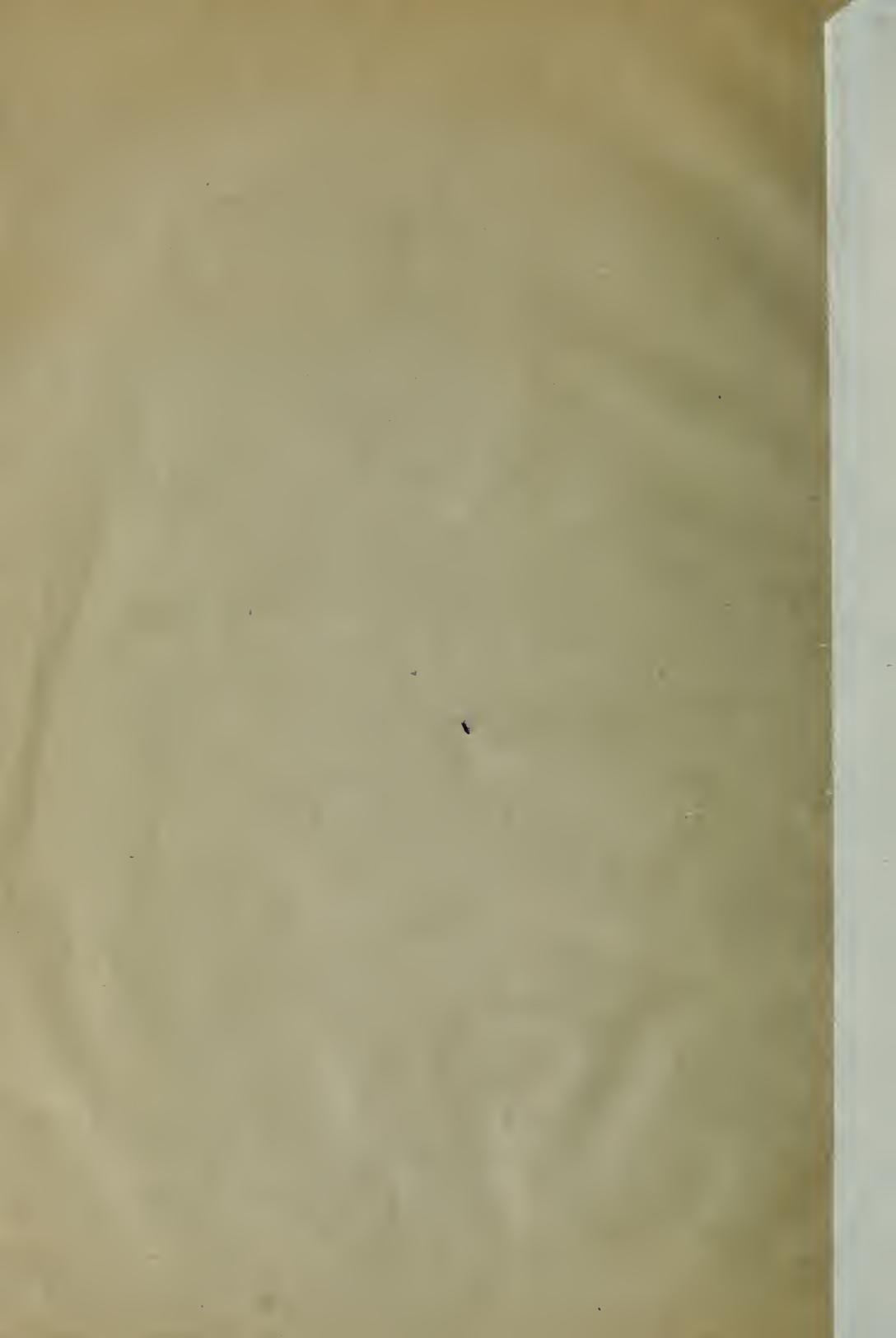
Filinto Elysio — aquelle adoravel poeta, de quem o seu contemporaneo Barbosa du Bocage enthusiasmadamente escrevia

«Filinto, o grão cantor, prezou meus versos!
Zoilos, tremei; posteridade és minha!» —

Filinto Elysio não era um bibliomano; era um verdadeiro bibliophilo.

Lisboa :
20 de Fevereiro de
1912.





PQ
9261
N24Z64

Cunha, Xavier da
Filinto Elysio bibliophilo

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW



D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 11 11 18 05 007 9